

Uma escrita autoral e dionisiáca

Marcio de Freitas Giovannetti

Azambuja, Sonia Curvo de. *Presenças e ausências, parceiras na simbolização*. São Paulo: HePsykhe, 2006, 216 p.

1. *Presenças e ausências, parceiras na simbolização* reúne trabalhos de Sonia Azambuja escritos entre 1976 e 2006, a maioria deles apresentados na nossa Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, e, como muito bem colocou nosso saudoso colega, Fabio Herrmann, em seu prefácio, nunca discutidos o suficiente. Fato esse nada incomum em nosso meio, capturados que temos estado numa mentalidade colonial, que prefere silenciar a respeito da produção caseira e alardear a produção estrangeira, seja ela européia, seja ela de nossos vizinhos sul-americanos. E é justamente por aí que a leitura do livro de Sonia vai abrindo um novo caminho: se a maioria dos autores com os quais ela dialoga é estrangeira, a presença de vozes brasileiras se faz sentir com a liberdade que só uma mente aberta, curiosa e descolonizada – nem um pouco provinciana – é capaz de ter. Mais do que isso, no entanto, a escrita da Sonia, a exemplo da escrita de Freud, desliza com fluência por autores consagrados sem que suas vozes tenham mais força ou autoridade que as muitas vozes dos seus analisandos ali registradas. Exemplo raro, infelizmente, na bibliografia psicanalítica como um todo e que, por si só, já torna obrigatória sua leitura.

2. Com um estilo muito próprio de falar de seu trabalho como psicanalista, Sonia vai chamando-nos para uma conversa com ela, ao mesmo tempo que nos convoca, seja como testemunhas, seja como co-participantes, para o diálogo vivo que ela mantém com o universo de seus interlocutores – seus mestres, seus colegas, seus amigos, seus analisandos –, transformando-nos em parceiros, em companheiros de viagem rumo não a Ítaca, mas à errância do simbólico, razão de ser da clínica psicanalítica que, “rompendo com o cogito cartesiano, trouxe à tona este modo de pensamento, no qual o fundante é sempre o diálogo com o outro” (p. 177).

3. Com maestria, ela vai sutil e firmemente, denunciando alguns dos “estaqueamentos” a que muitos de nós psicanalistas ficamos submetidos, alertando para o fato de que a clínica viva é aquela que “transborda os limites de toda etiqueta previamente contratada” (p. 141), em que a “histeria é um sintoma que revela o feminino em revolta, por se ver restrito à maternidade” (p. 79). É com frases

agudas como essas que vamos nos aproximando da apropriação feita por Sonia da revolução freudiana, cujo paradigma mítico, para ela, é Dionísio, não Apolo. Somente as associações livres podem possibilitar uma aproximação ao pulsional:

Para falar do lado móvel da escrita freudiana, há um ano, pensei no Deus Hermes-Mercúrio, deus da comunicação. Mas podemos lembrar também que Mercúrio é um material com o qual as crianças adoram brincar. Ele desliza como a metonímia e se adensa como a metáfora. Figuras de linguagem, sintaxe nos sonhos (p. 148).

4. Trinta anos percorre a escrita de Sonia, testemunha que ela se faz da maturação de um analista, quer em sua clínica pessoal, quer como participante ativo da instituição e do movimento psicanalíticos. Participação essa que sempre se recusou a desvincular a clínica e a instituição do contexto sociocultural, maior, no qual ambas se inserem. Os textos que tratam de Canevacci, de Buñuel e da presença de Freud no discurso identitário do analista são evidências desse engajamento e exemplares para o jovem psicanalista:

Antes dessa celebração da histeria, os surrealistas publicam uma declaração intitulada Cartas aos médicos – Chefes dos asilos de loucos. Tal texto é redigido sob a inspiração de Antonin Artaud. É o manifesto de 1925, que se coloca contra a torre de Babel representada pelas diversas classificações das chamadas doenças mentais. Os psiquiatras reagem ridicularizando o movimento (pp. 169-70).

É nesse percurso que o pensamento de Sonia vai se apresentando fortemente contrário à tendência comum entre nós de patologizar de forma excessiva o psiquismo, resistindo bravamente ao apequenamento, muitas vezes, feito do pensamento freudiano:

Deduziremos disto que a imagem da mãe não seja talvez o tema mais profundo nem a razão da série amorosa, pois embora seja certo que nossos amores repetem nossos sentimentos pela mãe, também repetem outros amores que nós mesmos não vivemos e nunca viveremos. A mãe aparece mais

como a transição de uma espécie para outra, a maneira como a nossa experiência começa, mas que já se encadeia com outras experiências realizadas por outro (p. 174).

Trinta anos que a aproximam ainda mais do pensamento de outro grande analista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, Armando Ferrari, com os últimos textos deste livro que tratam mais diretamente de nossa maior ferida narcísica, a mortalidade.

5. Enfim, mais que um livro, *Presenças e ausências...* é um precioso e corajoso documento a respeito desse nosso impossível e apaixonante ofício. Poderíamos dizer obrigatório para todo analista, não fosse a idéia de obrigatoriedade completamente avessa a tudo aquilo para o que Sonia nos convoca.

Marcio de Freitas Giovannetti
Psicanalista pela SBPSP.
Rua Itacolomi, 601/33 – Higienópolis
01239-020 – São Paulo – SP
Tel.: 11 3159-8604
giovannetti@sbpsp.org.br